

Capítulo Um

BRIELLE

Os meus olhos abrem-se, trémulos, mas fecham-se com determinação quando a luz se torna demasiado ofuscante. A dor na cabeça é tão intensa que me corta a respiração.

O que diabo aconteceu?

Sinto uma ligeira pressão no braço, e a voz suave da minha mãe preenche o silêncio.

— Brielle, querida. Está tudo bem. Abre os olhos, minha doce menina.

Inspiro algumas vezes antes de tentar de novo. Já estou preparada para a claridade e para as paredes brancas áridas que refletem a luz do sol. Ouço alguém correr, um segundo antes de as persianas descerem, projetando sombras e fazendo com que seja um pouco mais fácil erguer as pálpebras.

— Onde... — Esforço-me por falar, mas sinto a garganta ferida. É como se tivesse engolido um milhar de facas e não bebesse nem um gole de água há muitos anos.

A minha mãe encontra-se ao meu lado e a minha cunhada, a Addison, junto dela. Viro a cabeça para ver quem está do outro lado, o que se revela um erro descomunal, pois nova onda de dor dispara pelo meu crânio. Levo as mãos à cabeça, tentando baixar a pressão, mas não diminui com facilidade.

Alguém, que suponho que seja o médico, grita uma ordem a solicitar um fármaco antes de baixar a voz para um sussurro:

— Brielle, é o Holden. Vamos arranjar um analgésico, descansa.

Holden? O melhor amigo do meu irmão está aqui? Não entendo. Saiu de Rose Canyon há bastante tempo e só regressa uma vez por ano.

Ele volta a falar.

— Sabes onde estás?

Calculo que esteja no hospital, a avaliar pelos monitores e pela cama, por isso aceno com a cabeça.

— O q-que a-a-aconteceu? — Engasgo-me com as palavras.

Além do bipe atrás de mim, não se ouve outro som. Forço as pálpebras a abrir-se e a ficar abertas como se isso me ajudasse a perceber porque me encontro aqui. Quando me obedecem, por fim, vejo-me a olhar diretamente para os três melhores amigos do meu irmão. O Holden, que usa bata branca, está no meio. Ao lado, o Spencer Cross, o homem alto, moreno e pecador com que sonho desde os meus treze anos, mas que nunca terei. Atrás dele, encontra-se o Emmett Maxwell, que é militar e está destacado fora... Que raio?

Porque usa um uniforme da polícia? Porque está aqui? O Isaac passa a vida a falar dos *e-mails* que ele envia todas as semanas, porque, claro, o Emmett teve de entrar para as Forças Especiais. Não podia simplesmente cumprir o serviço militar e voltar, precisava de ser candidato a herói, o que não é surpreendente, pensando bem.

— Sabes porque estás no hospital? — pergunta o Holden.

Abano a cabeça e arrependo-me logo.

Ele lança-me um sorriso suave antes de continuar:

— Qual é o teu nome completo?

— Brielle Angelina Davis.

— E a tua data de nascimento?

— Sete de outubro.

— Em que escola secundária andaste?

Resmungo.

— Na mesma em que andámos todos. O liceu Rose Canyon High.

O Emmett dá um passo em frente. É maior do que me recordava, tem o peito largo e os braços enchem o uniforme como se estivesse prestes a

rebentar pelas costuras. Dirige-me um sorriso cativante e apoia a mão no ombro do Holden.

— Brielle, achas que te sentes capaz de responder a algumas perguntas? Sei que se calhar estás com dores e exausta, mas é importante.

Perguntas? Já não estava a responder a perguntas?

A pressão na minha mão aumenta, recordando-me de que a minha mãe está aqui, e viro-me para ela, devagar. Tem círculos escuros debaixo dos olhos castanhos e lágrimas a escorrer pelas faces. A Addy está ao seu lado, também com ar de não dormir há uma semana. Olho em volta de novo, a pensar onde estará o meu irmão. O Isaac dir-me-á o que se passa. É sempre franco comigo.

— Isaac? — chamo, pensando que talvez esteja no corredor.

A mão da Addison desliza para a boca e desvia o olhar. A minha mãe aperta-me a mão com mais força e estende a outra mão para a Addy.

— O que tem o Isaac? — pergunta o Holden, chamando de novo a atenção para ele.

— Onde está?

É o Emmett quem se dirige a mim:

— O que te lembras sobre a última vez que estiveste com o Isaac?

— Eu não... eu não... — Olho em volta, sem entender porque estou num hospital nem o que se passa. — Ajudem.

— Calma, Brie — diz o Holden muito depressa. — Estás em segurança. Conta-nos o que aconteceu.

Abano a cabeça, porque não entendo por que razão me está a perguntar aquilo, o que me provoca uma dor aguda. Fecho os olhos até conseguir falar.

— Não sei. Porque estou aqui? O que aconteceu? Onde para o Isaac? Porque estão todos a chorar? O que se passa comigo?

O Holden aproxima-se, fitando-me nos olhos.

— Não se passa nada contigo, mas preciso que tentes respirar com calma, está bem?

Exagera o gesto, inspirando profundamente, aguentando um segundo e depois soltando devagar o ar. Após algumas tentativas, dou por mim a imitá-lo, mas ainda sinto o pânico a rasgar-me as entranhas. Ele vira-se para o Emmett.

— Ela não está preparada para isto. Porque não nos dão alguns minutos enquanto avalio a Brie e a deixo orientar-se? Precisa de tempo.

A minha mãe levanta-se, mas não me larga a mão.

— Não a deixo.

— Sra. Davis, preciso de a examinar. Seria melhor se o pudéssemos fazer sem distrações.

Se isso me der algumas respostas, farei tudo. Conhecendo a minha mãe, sei que não desiste sem luta.

— Mãe, não há problema. Eu só... preciso de um minuto. — O meu sorriso é débil, mas ela acena com a cabeça e deixa a minha mão deslizar.

Quando o Spencer, o Emmett, a Addison e a minha mãe saem, entra uma enfermeira.

Holden avança, fazendo incidir uma luz nos meus olhos antes de se sentar na beira da cama.

— Sei que acordar assim pode ser confuso e avassalador. Gostaria de verificar os teus sinais vitais e conversar, está bem?

Aponto para a minha garganta, e a enfermeira estende-me um copo com uma palhinha.

— Começa com goles pequenos. Tens o estômago vazio e queremos ir devagar.

Engulo o líquido gelado, deixando-o aliviar um pouco a dor. Apetece-me prolongar aquela sensação, mas a enfermeira afasta o copo com rapidez.

Então ele mostra-me fotografias de três objetos.

— Daqui a alguns minutos, vou questionar-te sobre estes objetos e tens de te lembrar deles e responder às perguntas que te fizer. Precisas de os ver outra vez?

Uma chávena, uma chave e um pássaro. Nada de transcendente.

— Não é preciso.

— Muito bem. Podes levantar as mãos e empurrar as minhas?

Faço o que ele pede, e, quando parece satisfeito, prossegue com outros testes menos complicados. Depois, verifica-me a pulsação e debita números. Enquanto o faz, a minha mente dispara, mas estou cansada demais para seguir os meus pensamentos.

O Holden dirige-se à enfermeira.

— A doente começou a apresentar hematomas no rosto, por isso precisamos de tirar fotografias atualizadas antes da alta. Gostaria de pedir também outra ressonância magnética só para verificar se o inchaço das duas lesões está a diminuir.

— Os hematomas são maus? — pergunto.

— Nada de especial. Devem sarar dentro de uma ou duas semanas.

Aceno afirmativamente.

— Está bem. E as tais lesões?

— Saberemos mais após os testes e a segunda ressonância magnética. Podemos analisar os resultados depois, está bem?

— Podes explicar-me por que razão estou aqui, ou o que se passa?

— Tal como disse, analisaremos todas as variáveis assim que terminarmos o exame.

Segue-se uma tonelada de perguntas. Tenho a cabeça a andar à roda. Continuo à espera de que o meu irmão entre e diga ao Holden onde enfiar as suas avaliações médicas.

Mal acabo de responder às perguntas, ele pousa o bloco.

— Qual foi a primeira imagem que te mostrei?

Inspiro fundo e depois a minha mente apaga-se.

— Eu... era um... — Encosto a cabeça para trás e tento pensar. Sei o que era. — Uma chávena! — exclamo, triunfante.

— Muito bem. Lembras-te da segunda imagem?

— Sim, eram chaves.

Ele sorri e a enfermeira acena com a cabeça.

— Excelente, Brielle. Agora, lembras-te da última imagem?

Lembro-me. Eu... sei o que era. Tento recordar-me dele a mostrar-me as imagens, mas os meus pensamentos são lentos e confusos.

— Lembro, mas estou muito cansada.

A sua mão avança para o meu braço.

— Estás a ir muito bem.

Não me sinto muito bem, verdade seja dita.

— Porque não me falas da última coisa de que te lembras?

Fito as minhas mãos, a rodar o anel que o meu pai me deu e a tentar pensar. Começo com a minha infância, recordo feriados, aniversários e férias. Eu e o meu irmão estávamos sempre a aprontar alguma, mas era

inevitavelmente o pobre Isaac que ficava em apuros. O meu pai nunca conseguia castigar-me, e eu aproveitava-me da situação.

Relembro a festa do final da escola secundária, o vestido cor de lavanda que usei por baixo da capa, e como o meu pai morreu dois dias depois.

O funeral é uma névoa de lágrimas e tristeza, mas recordo com clareza que o Isaac foi o rochedo que sustentou a minha mãe quando ela se foi completamente abaixo.

Depois lembro-me de conhecer o Henry. Eu andava no segundo ano da faculdade e ele estava na minha aula de matemática. Abençoados deuses, era tão giro e engraçado. No final do nosso primeiro encontro, beijou-me à porta do dormitório, e juro que os meus lábios latejaram durante uma hora.

Foi mágico.

Mais encontros. Mais recordações de nos apaixonarmos e de nos formarmos com os colegas. Estávamos tão entusiasmados quando abrimos as respetivas cartas de aceitação para a mesma faculdade no Oregon. Relembro o apartamento para onde nos mudámos, prontos para iniciar a vida seguindo o nosso caminho. Dois anos e outra formatura depois, já não nos mostrávamos tão animados, pois deixáramos de ser miúdos e vimo-nos obrigados a fazer escolhas adultas.

Como quando escolhi voltar para Rose Canyon, ao passo que o Henry ficou em Portland, a trabalhar com a família para poder assumir o negócio. Isso foi há meia dúzia de meses.

Quando desvio os olhos do anel, vejo o Holden a observar-me, à espera da minha resposta.

— Completei a faculdade há cerca de seis meses. Tenho estado a morar com a Addison e o Isaac enquanto vou a entrevistas para um emprego.

O Holden escreve qualquer coisa.

— Ótimo. Mais alguma coisa?

— Eu... sei que o Isaac e a Addy se casaram. Vim a casa para o casamento. O Henry e eu... — Faço uma pausa, a esforçar-me por pensar no que estávamos a fazer. Não sei se bate certo, mas acho que sim. — Discutimos. Foi tão estúpido, porque ele estava sempre a pedir-me para me mudar para Portland quando sabia que eu não queria. Oh! Consegui emprego graças a uma das entrevistas a que fui e vou sair da casa do meu

irmão. — Arregalo os olhos quando me lembro de que consegui um emprego aqui. Em Rose Canyon.

— O que fazes?

— Sou assistente social, mas estou a trabalhar num novo centro juvenil. Comecei há umas semanas. — Sorrio, sentindo que posso respirar um pouco. Lembrei-me.

Mas Holden não partilha do meu entusiasmo.

— Pareces entusiasmada com isso.

— Sim, estou mesmo. É um sítio fantástico e... a Jenna estava lá... Ele anota tudo.

— Podes dizer-me mais alguma coisa? Talvez sobre os teus colegas de trabalho ou alguns dos miúdos que conheceste?

Franzo o sobrolho.

— Não propriamente. Quero dizer, é ainda tudo novidade e estou a começar a conhecer as pessoas. — Quando digo aquilo, as palavras não parecem totalmente convincentes.

— Conviver com uma situação nova pode ser difícil. — O Holden sorri. — E então a razão para te encontrares no hospital? Lembras-te de alguma coisa, ou de alguém que deveria estar com a tua família?

Recapitulo as pessoas que estavam aqui quando acordei. É evidente que ele não está à espera de que eu diga o nome do meu irmão, já que com toda a probabilidade está na escola. Assim, passo a mão pelo rosto antes de perguntar:

— O Henry?

— Que tem o Henry?

O meu coração começa a acelerar e inclino-me para a frente, baralhada por sentir os músculos do corpo a doer, considerando que o Holden mencionou apenas uma lesão na cabeça.

— Devia estar aqui, mas não o vi. Está bem? Alguém ligou para ele?

— Tanto quanto sei, está bem, e tenho a certeza de que a tua mãe lhe telefonou.

Graças a Deus que está bem e não num quarto ao lado do meu.

— Deve chegar em breve. Aposto que vai aparecer. Se calhar, ficou retido no trabalho.

— O que queres dizer?

Suspiro.

— O Henry... se não está aqui, vai vir. Só isso. Estamos em vias de esclarecer a situação.

Pelo menos, estamos a tentar resolver o assunto. As coisas têm sido difíceis nos últimos meses. Ele não quer mudar-se para Rose Canyon e eu não quero viver na cidade. Adoro esta terra e desejo ficar perto do meu irmão e da minha cunhada. A Addy quer ter filhos. Pela parte que me toca, vou ser a melhor tia que já existiu.

— Brielle, porque estás no hospital?

Fecho os olhos, empurrando a escuridão na minha mente. Não consigo ver a ponta de um corno.

Não há nada a não ser um nevoeiro espesso, que me impede de recordar o passado.

Estou perdida. Não consigo ver.

O meu coração martela e esforço-me imenso por ver alguma coisa à minha volta, mas está tudo escuro e algo me aperta o peito.

O pânico ameaça dominar-me.

As minhas pálpebras abrem-se e viro os olhos frenéticos para o melhor amigo do meu irmão, enquanto luto para respirar.

Oh, céus. O que se passa de errado comigo?

— Inspira fundo, pelo nariz, e solta o ar pela boca — diz ele, tentando tranquilizar-me, mas é superior às minhas forças.

— O-o qu-que não sei? Porque estou aqui?

O maxilar do Holden comprime-se, como se estivesse a fazer os possíveis por não falar. O som do bipe atrás de mim acelera.

— Sofri um acidente?

— Não foi um acidente, mas aconteceu uma coisa. Tens de te acalmar, Brielle. Concentra-te na minha voz e em respirar.

Uma nova onda de ansiedade rodopia no meu estômago. Se não foi um acidente, então o que sucedeu? Não consigo sustentar este pânico intenso que aumenta a cada segundo que passa.

— O que aconteceu?

— Brie, para — tenta o Holden dizer outra vez. — Vê se te descontraís, ou vou ter de te dar alguma coisa.

— Não, não, porque... não me lembro da razão por que estou aqui.

Isso deixa-me com mais perguntas e possibilidades. Se não foi um acidente, então alguém me fez isto. Alguém me feriu. Só quero saber quem e porquê. Começo a tremer, sabendo que as lágrimas que vi nos rostos da minha mãe e da minha cunhada são uma resposta a uma pergunta que não desejo fazer. A Addy adora-me, sei que sim, mas a reação dela quando... quando eu proferi o nome do meu irmão...

As máquinas que me monitorizam começam a apitar ainda mais rápido. Sei que o Holden está a falar comigo, mas as suas palavras são varridas pelo som da minha respiração entrecortada e o latejar da pulsação nos ouvidos.

Isaac.

Proferi o nome dele e a Addy ficou destróçada.

Alguma coisa está muito errada.

Oh, céus.

Não aguento. Preciso de saber. Olho outra vez para o Holden, o coração a martelar-me no peito quando forço uma palavra a sair:

— Isaac?

— Brielle — O Holden agarra-me os dois braços, fitando-me. — Tenta concentrar-te em mim e respira devagar. Está tudo bem.

Não está nada bem. Não consigo lembrar-me da razão por que estou aqui. Não sei o que aconteceu, e, quanto mais tento recordar-me, mais frenético fica aquele bipe. A minha visão começa a turvar-se e o Holden vocifera qualquer coisa para a enfermeira.

Estou demasiado presa na espiral de pensamentos e na necessidade desesperada de encher os pulmões, que se recusam a funcionar para prestar atenção ao que ele desata a gritar.

Então, passado um minuto, a calma inunda as minhas veias, fecho os olhos e adormeço.



Encontro-me numa espécie de semiconsciência estranha. Ouço vozes perto, como se estivessem mesmo ao meu lado, mas, por mais que me esforce, não consigo arrastar-me para um estado de consciência.

— O que lhe dizemos? — pergunta a Addison.

— Nada — replica a minha mãe. — Eles deixaram muito claro que não devemos influenciar nenhuma das suas recordações. Temos de ser pacientes e permitir que as coisas se restabeleçam por si.

— Ela vai ficar arrasada.

— Sim, mas estamos cá para a apoiar.

— Não tenho a certeza de como faremos isso.

Alguém me afasta o cabelo dos olhos, e depois a minha mãe diz:

— Eu também não. É como se isto fosse um pesadelo que está sempre a piorar. Continuo à espera de que, quando abrir os olhos, ela se lembre de tudo, mas, ao mesmo tempo, quase desejo que nunca o faça.

Ouçó um suspiro fundo.

— E se não recuperar? — pergunta a Addison. — Mentimos-lhe? Temos de esconder tudo dela?

A minha mãe funga. Imagino que esteja a chorar.

— É horrível, mas não há outro processo. A procuradora foi inflexível: temos de fazer isto desta maneira, ou não haverá hipótese de construir um caso. Neste preciso momento, não têm nada.

Um caso? O que se passa?

— O que disse o Holden quanto a ela acordar?

— Tirou-lhe a medicação sedativa há algumas horas, por isso agora cabe ao seu corpo decidir quando está pronta — responde a minha mãe.

— Espero que seja em breve.

— Eu também. Tenho de voltar para casa, por causa da Elodie. A Jenna tem lá estado o dia todo e prometi-lhe que chegaria a casa antes do jantar.

— Com certeza, querida. Podes esperar mais alguns minutos?

Quem é a Elodie?

Empurro as amarras que me prendem neste estado intermédio, como que a querer perguntar-lhes de que estão a falar.

— Talvez mais outros dez minutos — diz a Addison com um suspiro profundo. — Também tenho de ir à agência funerária.

Funerária? Quem morreu?

Empurro com mais força, exigindo que as minhas pálpebras façam o que lhes digo porque tenho de acordar. Não há nenhuma noção de tempo enquanto me esforço, mas, por fim, consigo que o meu corpo coopere o suficiente para os dedos se contraírem.

— Brie? — A minha mãe profere o meu nome.

Alguém, porventura a minha mãe, segura as minhas mãos, e eu aperto-as, na esperança de que entenda que estou a tentar.

Passam-se segundos antes de conseguir abrir os olhos e ver a minha mãe a fitar-me com lágrimas nos olhos. A Addison ainda aqui está e oferece-me um sorriso suave.

— Ei — diz a Addy.

— O-onde está o Isaac? — Debito as palavras, sem saber ao certo quanto tempo conseguirei manter-me acordada.

O lábio dela treme e depois uma lágrima escorrega-lhe pela face. Addison faz que não com a cabeça.

— Não te lembras?

Abano a cabeça, mantendo os olhos abertos por pura força de vontade.

— Quero lembrar-me. Mas não consigo. Preciso de... o ver. Por favor... diz-me.

Mesmo antes de ela responder, sinto a perda do meu irmão. Alguma coisa está a mantê-lo afastado de mim, e nada o faria caso eu precisasse dele.

— Foi-se. — A sua voz embarga-se. — Morreu e... eu... — Irrompe em soluços. — Não queria dizer-te.

Não. Não é possível. O meu irmão é o homem mais forte que conheço. Sobrevive a tudo. Abano a cabeça, recusando-me a acreditar.

— Não. Ele não! Para. Vai buscá-lo.

A mão da minha mãe descansa na minha face e viro-me para ela.

— É verdade, querida. O teu irmão estava contigo e foi morto.

— Não! — grito e tento puxar a minha outra mão. Não, não pode ser. O Isaac é o meu melhor amigo.

Estão a mentir. Só pode ser, porque não há hipótese nenhuma de o meu irmão ter morrido.

— Por favor — suplico.

— Lamento muito — diz, entre soluços, a Addison, deixando tombar a cabeça na cama. — Sei que o amas e ele amava-te muito, Brie.

O meu coração dói tanto que gostaria de não ter acordado. Gostaria de poder ficar no nada onde me sentia livre e em paz e não existia esta tristeza esmagadora a comprimir-me o peito, com uma força tal que parece que as costelas estão prestes a estilhaçar-se.